

**AS NOVAS TECNOLOGIAS COMO MECANISMO DE AUXÍLIO
NA ALFABETIZAÇÃO DE ESTUDANTES DOS ANOS INICIAIS
DO ENSINO FUNDAMENTAL EM TEMPOS DE COVID-19**

Danyelle Moura dos Santos (UEFS)

danyelle31@hotmail.com.br

Ionglia Fontana Sampaio Fernandes (FASB)

ifsampaio@gmail.com

Crispim Nelson da Silva (UFRB)

crispimsilva115@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho tem a intenção de refletir acerca da relevância da tecnologia para auxiliar na alfabetização de estudantes do Ensino Fundamental, dos anos iniciais, em tempos de pandemia da Covid-19. Desse modo, temos como objetivo ressaltar a importância do letramento digital para os estudantes e evidenciar como a tecnologia pode ser utilizada pelo professor como um instrumento de atração do interesse dos estudantes, auxiliando, assim, no processo de ensino e aprendizagem nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Entendemos que, nessa etapa, os estudantes estão se apropriando do processo de leitura e de escrita e acreditamos na tecnologia como instrumento necessário para contribuir com o processo de alfabetização. Para a realização deste artigo, utilizamos uma abordagem qualitativa que consiste na pesquisa exploratória, além de estudos sobre o tema aqui abordado, dialogando com alguns teóricos. Chegamos à conclusão de que se faz necessário que os professores tenham mais consciência acerca da relevância da tecnologia para a educação, pois, estando essas duas atreladas, a alfabetização poderá ser ainda mais atrativa devido à imersão dos estudantes, atualmente, no mundo digital. A pandemia da Covid-19 nos fez compreender a importância das novas tecnologias como mecanismo de auxílio no processo de alfabetização dos estudantes dos anos iniciais do Ensino Fundamental, possibilitando processos de ensino e aprendizagem inovadores, exigindo das famílias, cada vez mais, conexão com a escola e suas demandas sociais.

Palavras-chave:

Alfabetização. Novas tecnologias. Anos Iniciais do Ensino Fundamental

ABSTRACT

The present work intends to reflect on the relevance of technology to assist in the literacy of elementary school students, in the early years, in times of the Covid-19 pandemic. In this way, we aim to emphasize the importance of digital literacy for students and show how technology can be used by the teacher as an instrument to attract students' interest, thus helping in the teaching and learning process in the early years of teaching. Fundamental. We understand that, at this stage, students are taking ownership of the reading and writing process and we believe in technology as a necessary instrument to contribute to the literacy process. To carry out this article, we used a qualitative approach that consists of exploratory research, in addition to studies on

the topic discussed here, dialoguing with some theorists. We came to the conclusion that it is necessary for teachers to be more aware of the relevance of technology for education, because, with these two linked, literacy can be even more attractive due to the immersion of students, currently, in the digital world. The Covid-19 pandemic made us understand the importance of new technologies as a mechanism to help in the literacy process of students in the early years of Elementary School, enabling innovative teaching and learning processes, demanding from families, increasingly, connection with the school and its social demands.

Keywords:

Literacy. New technologies. Early Years of Elementary School.

1. Introdução

Apresente pesquisa visa refletir acerca da relevância da tecnologia para auxiliar na alfabetização de estudantes nos anos iniciais do Ensino Fundamental em tempos de pandemia Covid-19, além de ressaltar a importância do letramento digital, corroborando, pois, com as discussões referentes ao processo de ensino e aprendizagem. Cabe salientar que a alfabetização, na contemporaneidade, não ocorre mais dentro de um modelo tradicional e estático do saber, pois a geração atual está imersa em um mundo digital e informacional, o que exige do professor não se abster desse fenômeno, necessitando de capacitação para lidar com o uso das novas tecnologias.

Unir as tecnologias ao processo de alfabetização pode trazer muitas contribuições para os estudantes. Assim, os jogos digitais, o uso de *blogs* e aplicativos que podem incentivar a leitura e a escrita dos estudantes são exemplos de uso da tecnologia em sala de aula. Dessa forma, explora-se a criatividade e os alunos se sentem mais atraídos, devido ao fato de estarem imersos no universo tecnológico e se sentirem mais motivados a aprender, de forma mais lúdica, fugindo do modo tradicional.

O período de pandemia, decorrente do vírus da Covid-19, evento histórico que começou no Brasil em março de 2020 e perdura até os tempos atuais, além de causar muitas mortes, causou o afastamento dos estudantes do convívio escolar de forma presencial. Uma das saídas adotadas, durante esse processo, foi a atividade remota, uma estratégia emergencial que está sendo utilizada pelas instituições de ensino como meio de manter a aprendizagem. É indiscutível a necessidade de buscar estratégias e parcerias, além de criar vínculos com as famílias na realização das práticas pedagógicas, juntamente com o apoio dos professores e visando dar

continuidade ao trabalho, potencializando, pois, o desenvolvimento dos estudantes.

Vale ressaltar que o objetivo das atividades remotas não é transferir a docência para a família, mas lançar desafios para que, junto com a escola, possam contribuir, na medida do possível, com o processo de aprendizagem e com o desenvolvimento dos estudantes, possibilitando momentos produtivos de interações por meio de experiências significativas. Muitos estudantes e professores não tinham muita desenvoltura para utilizar os recursos tecnológicos, mas com o intenso uso durante as aulas remotas, tiveram que se reinventar e buscar meios de se familiarizar com essas novas tecnologias digitais.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de nove anos (2010), ressaltam que o acesso ao Ensino Fundamental aos seis anos permite que todas as crianças brasileiras possam usufruir do direito à educação, tendo a oportunidade de participar de um ambiente educativo voltado à alfabetização e ao letramento, à aquisição de conhecimentos de outras áreas e ao desenvolvimento de diversas formas de expressão. Vale ressaltar que esse ambiente, comum às crianças dos segmentos de rendas média e alta, pode aumentar a possibilidade de sucesso no processo de escolarização das crianças e deve ser um direito de todos.

Assim, esta pesquisa buscou problematizar as questões que envolvem as novas tecnologias no processo de alfabetização como ferramenta para auxiliar no letramento de estudantes nos anos iniciais do Ensino Fundamental em tempos de pandemia da Covid-19 e compreender como este processo, de letrar os indivíduos de maneira crítico-reflexiva, é importante tanto para que eles possam utilizar, de forma autônoma, os aparelhos tecnológicos como para reconhecer bons conteúdos digitais.

Para tanto, foi realizada uma revisão bibliográfica do tema, o que nos possibilitou fundamentar o estudo. Trata-se de uma abordagem qualitativa e consiste em pesquisa exploratória que, de acordo com Marconi e Lakatos (2003), abrange a bibliografia disponível e possui o intuito de colocar o pesquisador em contato com o que foi estudado e dito com relação a determinado assunto que está sendo pesquisado. A base de dados foi feita através do Scielo, da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e do Google Acadêmico, consultando artigos e livros que subsidiaram a presente escrita.

Assim, embasamos a pesquisa a partir das ideias de Sandholtz, Ringstaff e Dwyer (1997), Mey (1998), Sampaio e Leite (1999), Santael-

la (2003), Soares (2006), Faustine (2010), Freitas (2010), França (2016), Silvério, Ferreira e Azevedo (2020), Nonato, Sales e Cavalcante (2021), Vasconcelos e Astigarraga (2021) entre outros. Além disso, para a melhor compreensão do leitor, o texto está organizado em tópicos.

2. A interferência da pandemia da covid-19 na educação básica

Com a pandemia decorrente do vírus da Covid-19, diversas mudanças aconteceram em todo o mundo e muitos foram surpreendidos com a nova realidade. Foi preciso adequar-se, em vários âmbitos profissionais, para dar continuidade aos trabalhos. Para os profissionais da educação, especificamente para aqueles que estão inseridos nos anos iniciais do Ensino Fundamental, devido ao seu trabalho com a alfabetização.

O ensino e a aprendizagem dos estudantes baseiam-se na importância do desenvolvimento da criatividade, da imaginação e da construção do conhecimento, sem, contudo, deixar de oferecer para eles aquilo que se tem como descobertas de tempos passados, que explicam determinados fatos do presente e que fazem, desse modo, que os alunos adquiram informações e desenvolvam conhecimentos que os levem a elaborar senso crítico em relação ao mundo.

Segundo Vasconcelos e Astigarraga (2021), nunca previmos a educação no formato que ocorreu devido à pandemia, entretanto, “(...) é essencial valermos-nos deste íterim para refletir e (re)pensar o papel da educação na atuação dos/as professores/as, na formação continuada que se alinhe também à realidade tecnológica e como se edificará o ensino-aprendizagem a partir da pandemia da Covid-19” (p. 10). Sendo assim, devemos aprender com essa situação para ressignificar nossas práticas docentes de acordo com as demandas atuais.

Tendo como referência o que escreve Nonato, Sales e Cavalcante (2021), com a pandemia ocorreu o distanciamento social e a repentina necessidade de transformação de todas as salas presenciais em salas virtuais, e os professores precisaram se adaptar ao uso das plataformas digitais e ao novo processo de enculturação digital. Antes da pandemia da Covid-19, os professores ministravam as suas aulas presenciais usando livros, quadro, piloto etc. Às vezes até utilizavam os meios digitais, mas esse não era o foco principal, a pandemia intensificou e acelerou o processo pedagógico, como bem descrevem os autores:

[...] que a repentina transformação de todas as salas de aula presenciais em salas online durante a pandemia tenha acelerado o processo de inserção da cultura digital na vida escolar, é importante considerar que tal aceleração aconteceu segundo o paradigma que os processos anteriores de ‘enculturação digital’ já haviam posto à baila, isto é, a pandemia não estabeleceu um novo padrão, apenas empurrou a escola em direção a processos pedagógicos que já identificados e estabelecidos como abordagens educacionais aceitáveis e, ainda assim, com as restrições e contradições de um processo compreensivelmente aligeirado. (NONATO; SALES; CAVALCANTE, 2021, p. 11)

Essas novas abordagens educacionais de enculturação digital desafiaram estudantes e professores com um processo aligeirado de assimilação de uma nova realidade de vida escolar. Esses aspectos de inovação de cultura digital instrumentalizaram os profissionais da educação para constituírem paradigmas diferentes com definição de novas concepções e conceitos.

Nesse contexto, é importante destacar e definir o conceito de enculturação digital:

Por enculturação digital compreende-se o processo pelo qual a cultura digital é assimilada na vida escolar e se engendra na cultura escolar, pelo qual a escola assimila os aspectos principais da cultura digital, transformando-se, embora esse não seja um processo unilateral: a cultura digital também se deixa ser instrumentalizada de modo a promover os objetivos principais da escola. (NONATO; SALES; CAVALCANTE, 2021, p. 11)

Vasconcelos e Astigarraga (2021) salientam que, “não obstante, dialogar, buscar, aprender e aperfeiçoar foram verbos de muita ação para que cada professor, junto a sua prática docente, agregasse outros verbos: ressurgir, re-existir [*sic*], resistir e ressignificar” (p. 9). Desse modo, alguns professores passaram por momentos de angústia e de incertezas no processo de adaptação com o ensino remoto, mas as ferramentas tecnológicas trouxeram possibilidades significativas, como um ensino e aprendizagem pautado em práticas de ensino e avaliação da aprendizagem ressignificadas e diferenciadas do modelo convencional que estamos acostumados.

Em ambos os contextos, presencial ou remoto, o educador tem o papel importante de auxiliar no processo de aprendizagem dos alunos e de ensinar os conteúdos relacionados à sua formação integral, com a ênfase em ensinar a ler, a escrever e a contar. No entanto, as limitações, a idade e outros aspectos devem ser levados em consideração, sem deixar de considerar a cultura, os fatores econômicos, a localidade e, principalmente, os fatores sociais, como é o caso da pandemia que assolou o

mundo desde o final de 2019 e chegou ao Brasil no início de 2020, impondo a necessidade do prosseguimento dos estudos por meio de recursos tecnológicos e à distância. E, conseqüentemente, “surge a necessidade da criação de currículos amplos e holísticos que unam a teoria e a prática de uma comunidade de aprendizagem em rede, com capacidade crítica e reflexiva” (ROCHA, 2021, p. 18).

Neste sentido, no que se refere ao contexto social atual, tanto no Brasil quanto no mundo, a pandemia da Covid-19 intensificou a necessidade de aulas remotas fazendo com que os professores buscassem atualização no âmbito digital para se adequarem às novas ferramentas de ensino. Muitas plataformas foram adquiridas para atender as necessidades das escolas, cada instituição administrou as atividades para serem desenvolvidas estrategicamente, sendo mais interativo o modo de ensinar e, ao mesmo tempo, buscando auxiliar, pacientemente, os estudantes para a utilização das ferramentas do mundo virtual.

A escola tem um papel que vai além dos conteúdos e outros recursos de ensino como o giz, a lousa e o apagador. É preciso entender, acima de tudo, que “(...) ela deve levá-los a criar hábitos, conhecer o mundo, cultivar relações e externar opiniões. Hoje em dia, essa tarefa se torna muito mais fácil, pois vivemos em uma era de constante evolução tecnológica e fácil acesso a meios digitais” (BARBOSA, 2020, p. 11).

Dessa forma, é pertinente que a educação valorize, cada vez mais, o uso das tecnologias nos processos pedagógicos, inserindo o aluno como protagonista do universo crítico e criativo, trabalhando o desenvolvimento e a autonomia de todos os envolvidos, porque a pluralidade que as plataformas digitais oferecem existem para que sejam colaborativas e significativas durante o processo de construção social e cultural do aluno.

Vasconcelos e Astigarraga (2021) destacam que as salas de aula se modificaram e a pandemia trouxe novos recursos que os docentes tiveram que se habituar.

A sala de aula perdeu quadro branco, mesas e cadeiras disponibilizadas presencialmente para ganhar ferramentas-salas digitais, tais como Google Meet, Zoom, Microsoft Teams, Skype, entre outros. Na percepção de muitos, as aulas presenciais foram substituídas por uma tela fria de computador ou de um smartphone, sem o calor humano que a sociabilidade presencial proporciona. (VASCONCELOS; ASTIGARRAGA, 2021, p. 3)

Os principais obstáculos relacionados com o ensino em aulas remotas estão ligados à falta de infraestrutura e de acesso à tecnologia, as-

sim como à qualidade tanto de equipamentos quanto da internet que é utilizada nos lares, pois uma boa aula interativa dependerá diretamente destes fatores. As questões de falta de infraestrutura são mais evidentes quando falamos dos estudantes de escolas públicas, pois são as classes populares que, por vezes, tem que dividir os aparelhos tecnológicos com seus familiares. Além disso, é necessário que o professor esteja capacitado para atender o público que está participando de forma remota. Entretanto, essa preparação não ocorreu, principalmente nas etapas iniciais do ensino, devido à rapidez pela qual as sociedades foram submetidas ao isolamento social, necessário para conter a disseminação acelerada do vírus.

É preciso salientar que, devido à rapidez que a pandemia chegou ao Brasil, as instituições escolares e seus professores não estavam totalmente preparados para o uso de tecnologias digitais e de aplicativos profissionais ligados ao processo de aprendizagem, pois estavam acostumados ao modelo de ensino tradicional e, portanto, encontraram dificuldades para lidar com as novas tecnologias, com os equipamentos de filmagem e edição de vídeos. Porém, é necessário considerar que o processo de educação remota para os professores e estudantes, veio para quebrar paradigmas, sendo necessário que os professores se reinventassem e aproveitassem o momento para reforçar o seu arsenal metodológico, principalmente no que diz respeito ao ensino para os estudantes em período de alfabetização.

3. O advento da tecnologia

De acordo com Sampaio e Leite (1999), podemos perceber que a tecnologia ganhou força e velocidade, principalmente a partir da Segunda Guerra Mundial, época em que houve desenvolvimento acelerado da inovação tecnológica, principalmente na produção de armas.

A Segunda Guerra foi um marco do desenvolvimento mais acelerado e da expansão das tecnologias. Antes e durante essa guerra, a corrida tecnológica visava aumentar e diversificar a produção de armas, cada vez mais poderosas, rápidas e versáteis, utilizadas na destruição das cidades e na busca de informações sobre a estratégia e o posicionamento dos inimigos. No pós-guerra, a tecnologia dói profissionalizante e seus produtos tornaram-se vendáveis e progressivamente necessários para a reconstrução dos países destruídos (o Japão é o melhor exemplo) e da economia mundial. (SAMPAIO; LEITE, 1999, p. 33)

É sabido que com o advento da era digital surge uma nova forma de aprender e ensinar e, no meio de tais modificações, surgem as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) como forma de auxiliar no processo de aprendizagem, cabendo à escola, portanto, acompanhar esse processo de modernização.

De acordo com Silvério, Ferreira e Azevedo (2020), a contemporaneidade é destacada sob a ótica da amplitude tecnológica. Sendo assim, observamos nitidamente o quanto as TIC's encontram-se inseridas no nosso cotidiano atual. “Com o avanço do progresso, desde então, muitas áreas como: saúde, indústrias, transportes entre outros se viram limitados ao seu uso. Paralelamente a esse acontecimento, se encontra a área da educação, e com uma ampla necessidade de utilização das TIC's em seu cotidiano no contexto da pandemia” (p. 274).

A revolução digital não está apenas transformando os formatos de comunicação. Entre outros aspectos, seus estudos apontam para a necessidade permanente de reflexão sobre as modificações pelas quais o ser humano vem passando em contato com as tecnologias, modificações “não apenas mentais, mas também corporais, moleculares”. Diante desse contexto, o “digital” está criando uma nova [sic] linguagem humana, que mistura o visual, o verbal e o sonoro. (SANTAELLA, 2003, p. 31)

Cada vez mais as pessoas estão tendo acesso às novas tecnologias e é preciso um ambiente profícuo e estimulante para que os sujeitos saibam usufruir dos benefícios que podem ser adquiridos com o uso desses aparatos tecnológicos. O professor em sala de aula, ao invés de afastar o uso desses aparelhos, pode utilizá-los para atrair a atenção dos estudantes, atrelando-os às intencionalidades pedagógicas.

4. A alfabetização atrelada às novas tecnologias da informação

Uma condição fundamental para o indivíduo se apropriar do letramento digital é o domínio do letramento alfabético. Isto quer dizer que um indivíduo poderá utilizar plenamente as vantagens da era digital à sua necessidade se tiver aprendido a escrever e se tiver dominado o sistema alfabético a ponto de ter alcançado um grau elevado das convenções ortográficas que orientam o funcionamento da modalidade escrita de uma língua, ou seja, o aluno alfabetizado terá mais domínio sobre as novas tecnologias.

Entretanto, seria interessante que os professores utilizassem esse domínio em todo o processo de alfabetização, que aconteceria de maneira

mais eficaz e prazerosa. Os educadores precisam estar atentos ao uso das tecnologias, pois elas podem contribuir significativamente para a formação de cidadãos mais críticos. Entretanto, os aparatos tecnológicos precisam estar relacionados à proposta pedagógica da instituição escolar. Sampaio e Leite (1999) destacam:

Cercados que estamos pelas tecnologias e pelas mudanças que elas acarretam no mundo, precisamos pensar em uma escola que forme cidadãos capazes de lidar com o avanço tecnológico, participando dele e de suas consequências. Esta capacidade se forja não só através do conhecimento das tecnologias existentes, mas também, e talvez principalmente através do contato com elas e da análise crítica de sua utilização e de suas linguagens. (SAMPAIO; LEITE, 1999, p. 15)

A partir da citação acima, pode-se inferir que o professor é fundamental nesse contato com as novas tecnologias, para inserir o estudante no universo tecnológico, visto que estamos em uma era marcada pelos avanços tecnológicos e, atualmente, com as atividades remotas, estamos ainda mais imersos no universo digital. As novas tecnologias, sendo utilizadas de formas significativas, podem transformar, positivamente, a aprendizagem dos estudantes.

O papel da educação deve voltar-se também para a democratização do acesso ao conhecimento, produção e interpretação das tecnologias, suas linguagens e consequências. Para isto torna-se necessário preparar o professor para utilizar pedagogicamente as tecnologias na formação de cidadãos que deverão produzir e interpretar as novas linguagens do mundo atual e futuro. É este o sentido de defender a necessidade de alfabetização tecnológica para o professor, e, para alcançá-la, é necessário esclarecer o significado pedagógico deste conceito. (SAMPAIO; LEITE, 1999, p. 15)

A escola tem a função de proporcionar o acesso ao conhecimento sistematizado e oferecer ao aluno a possibilidade de ser alfabetizado tecnologicamente para que assim ele possa utilizar os recursos tecnológicos. Por isso, ressalta-se a relevância do professor em conhecer e saber manusear esses aparatos, para que possa auxiliar os estudantes com o manuseio de tais ferramentas. Segundo Sampaio e Leite (1999), “essas tecnologias deverão ser usadas na educação dos alunos e, também, na formação/atualização dos professores” (p. 15).

Silvério, Ferreira e Azevedo (2020) apontam que a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que é um documento norteador, publicado em 2018, contempla a utilização das tecnologias e o universo da cultura digital de maneira consciente e cautelosa.

Faz-se necessário que o professor possua alfabetização tecnológica para poder utilizar os recursos em sala de aula. Segundo Sampaio e Leite (1999), “(...) essa alfabetização tecnológica não pode ser compreendida apenas como o uso mecânico dos recursos tecnológicos, mas deve abranger também o domínio crítico da linguagem tecnológica” (p. 16).

Diante do exposto, Freitas (2010) relata:

Estuda-se sobre a informática na educação, mas não se forma o futuro professor, trabalhando seu letramento digital ou envolvendo-o em atividades de efetivo uso do computador-internet como instrumentos de aprendizagem”. Assim, o trabalho com o letramento digital e as TDIC deve ocorrer de forma contínua “[...] no interior de todas as disciplinas nas quais o professor, em sua formação inicial, possa experimentar o letramento digital no próprio processo pedagógico. (FREITAS, 2010, p. 345)

Recebendo essa formação, o professor estará seguro e conseguirá enriquecer o seu plano de ensino operando as tecnologias de massa como a televisão, o rádio, o computador, os celulares e, também, as ferramentas que já são usadas frequentemente na educação, como projetores, *slides*, *pendrivers*, lousas digitais, *tablets*, entre outros. As mudanças ocorrem aceleradamente, mas, com elas, faz-se necessário que as escolas ofereçam tecnologias adequadas que atendam todas as etapas de ensino para a formação integral do aluno. Sobre esses recursos digitais, Nonato, Sales e Cavalcante (2021) caracterizam:

Os recursos digitais estão disponíveis para a sociedade a partir de várias tecnologias e se configuram em aparatos *online* e *offline*. Pode-se afirmar que recurso digital são todo e qualquer dispositivo digital, mídia digital que está disponível *online*, isto é, na rede mundial Internet e, *offline* a partir de diversos suportes digitais como *tablets*, celulares, *laptops*, aparelhos de TV, os quais podem ser acessados independentemente de conexão com a Internet. São recursos digitais programas, plataformas virtuais, aplicativos, jogos, *hardwares* e *softwares*, portais e *sites* da Internet, câmeras, retroprojetores, entre outros. (NONATO; SALES; CAVALCANTE, 2021, p. 19)

Por sua vez, para ser caracterizado enquanto recurso digital pedagógico, é indispensável que tenha aspectos e objetivos de trabalho com conteúdo educativos e de cunho formativo. Desse modo, pode-se conceber que os recursos digitais são ferramentas e/ou aparatos usados como mecanismos que contribuem diretamente no processo de ensino e aprendizagem.

Por outro lado, Silvério, Ferreira e Azevedo (2020) ratificam a importância de compreender que usar as tecnologias digitais no ambiente educacional não se resume apenas à ferramentas de apoio no processo de

educacional não se resume apenas à ferramentas de apoio no processo de ensino e aprendizagem, “mas paralelamente a essa decisão, consistem em motivar, auxiliar e permitir aos educandos o manuseio de tais recursos juntamente com o docente, para que possam dessa maneira, obter a apreensão do conhecimento e uso das TIC’s” (p. 277).

A escola possui a função de formação de sujeitos para a vida social e para o mundo do trabalho, ou seja, precisa cumprir seu papel de democratização do saber sistematizado e historicamente construído, sendo de fundamental importância formar para a aquisição das novas tecnologias que estão presentes no nosso dia a dia e que fazem parte do nosso uso cotidiano.

Formar verdadeiros cidadãos, capazes de analisar o mundo (este mundo tecnológico) e construir opinião própria com a consciência de seus direitos e deveres, é uma tarefa que algumas vezes a escola tem dificuldade em realizar por diversos fatores políticos e sociais, entre eles na própria inexistência de prioridade à educação nas ações do Estado. (SAMPAIO; LEITE, 1999, p. 18)

A tecnologia é utilizada de forma mais poderosa como uma ferramenta para apoiar a indagação, a colaboração e a comunicação dos alunos. O uso dos aparatos tecnológicos precisa ser ensinado de forma integrada às disciplinas do currículo, sendo mais um recurso para auxiliar na aprendizagem. O uso das novas tecnologias é mais bem aprendido no contexto de tarefas significativas, como por exemplo, alfabetizar utilizando recursos tecnológicos como jogos, exibição de desenhos ou filmes, aplicativos no celular e/ou no *tablet*, entre outros, que tornam a aprendizagem mais lúdica e mais atrativa.

Silvério, Ferreira e Azevedo (2020) abordam que “(...) é necessária uma estruturação do conhecimento adquirido, para que não seja usado apenas como forma de entretenimento, mas sim, com o objetivo direcionado para os processos de aprendizagem” (p. 286). Pois, hoje em dia, os educandos têm muita agilidade e destreza para aprender a lidar com tais recursos, desse modo, o professor pode aproveitar e propor atividades em dupla ou em grupos, para um que tiver mais facilidade ajudar o colega que tem menos habilidade no manuseio.

De acordo com Sampaio e Leite (1999), foram diversas as visões do processo de alfabetização e do que é se alfabetizar. Porém, o conceito de alfabetização muda de acordo com o momento histórico e com base nas propostas governamentais vigentes para a alfabetização.

O crescente aumento na utilização das novas ferramentas tecnológicas como o computador e a Internet na vida social, tem exigido das crianças a aprendizagem de comportamentos e raciocínios específicos. Por essa razão, alguns estudiosos começam a falar no surgimento de um novo tipo, paradigma ou modalidade de letramento, que tem chamado de letramento digital. (FAUSTINI, 2010, p. 9)

A aprendizagem da criança começa antes mesmo dela ir à escola, dado que ela já possui o conhecimento do mundo que a rodeia. Sendo assim, o conhecimento prévio dos estudantes deve servir de base para a assimilação dos novos conhecimentos. Ensinar a ler e a escrever é ensinar a produzir textos que permitam que o sujeito possa construir sentido sobre as coisas que lê. Soares (2006) afirma que, a alfabetização é o processo pelo qual se adquire o domínio de um código e das habilidades de utilizá-lo para ler e para escrever, ou seja, o domínio da tecnologia para exercer a arte e a ciência da escrita. O letramento ultrapassa a alfabetização, que se inicia antes da criança aprender a ler. As crianças são expostas ao letramento digital desde pequenas: quando acessam histórias, quando interagem com os jogos, quando assistem desenhos no celular ou no computador, quando assistem aos programas de televisão ou quando vão ao cinema.

O processo de leitura e de escrita só terá sentido para o aluno se estiver relacionado a algo que faça sentido para ele, algo que ele sinta interesse e motivação em aprender. Por isso, o professor como um mediador ou facilitador do processo de ensino, pode planejar suas aulas tendo como base os processos já adquiridos pelos estudantes e aqueles que ainda estão em desenvolvimento da aprendizagem, além de provocar situações que promovam momentos de aprendizado para que os estudantes avancem no conhecimento que já possuem.

Segundo Sampaio e Leite (1999), “(...) para ler, o leitor interage com o texto, troca com ele informações que possui, firma uma concepção própria do que leu, e com isso vai formando também sua própria concepção de mundo” (p. 55). O processo de alfabetização não pode restringir-se a apenas formar leitores, mas produtores de textos que sejam capazes de concordar ou não com os textos já existentes, refletindo e tendo suas próprias impressões.

[...] a área de estudo da Tecnologia Educacional propõe a presença e a utilização pedagógica das tecnologias da educação, do trabalho e da comunicação de maneira crítica, contextualizada, adequada aos princípios e objetivos gerais da escola e específicos do professor com sua turma, aos interesses e necessidades deste grupo. (SAMPAIO; LEITE, 1999, p. 66)

Ou seja, a escola possui a função de formação de sujeitos para a vida social e para o mundo do trabalho, ela precisa cumprir seu papel de democratização do saber sistematizado e historicamente construído, sendo de fundamental importância formar o aluno para a aquisição das novas tecnologias que estão presentes no nosso dia a dia e que fazem parte do nosso uso cotidiano. “A instituição de educação sistemática, por excelência, é a escola, criada para cumprir o papel de educar e formar os novos cidadãos. Na nossa sociedade atual, cheia de contrastes e rápidas mudanças, esta é uma tarefa difícil” (SAMPAIO; LEITE, 1999, p. 17).

Formar verdadeiros cidadãos, capazes de analisar o mundo (este mundo tecnológico) e construir opinião própria com a consciência de seus direitos e deveres, é uma tarefa que algumas vezes a escola tem dificuldade em realizar por diversos fatores políticos e sociais, entre eles na própria inexistência de prioridade à educação nas ações do Estado. (SAMPAIO; LEITE, 1999, p. 18)

Diante disso, a escola precisa superar as dificuldades e se aproximar da realidade do aluno, utilizando a tecnologia como instrumento pedagógico, auxiliando no processo de alfabetização de maneira a atrair o interesse para o universo tecnológico que estamos imersos.

Existe, portanto, necessidade de transformações do papel do professor e do seu modo de atuar no processo educativo. Cada vez mais ele deve levar em conta o ritmo acelerado e a grande quantidade de informações que circulam no mundo de hoje, trabalhando de maneira crítica com a tecnologia presente em nosso cotidiano. Isso faz com que a formação do educador deva voltar-se para a análise e compreensão dessa realidade, bem como para a busca de maneiras de agir pedagogicamente diante dela. É necessário que professores e alunos conheçam, interpretem, utilizem, reflitam e dominem criticamente a tecnologia para não serem por ela dominados. (SAMPAIO; LEITE, 1999, p. 19)

O uso das novas tecnologias não tem somente o papel de auxiliar na aprendizagem dos alunos, vai além, podendo envolvê-los, considerando metodologias ativas com modelos mais inovadores, disruptivos, trabalhando projetos interdisciplinares, aplicando atividades com desafios e gamificação. Segundo França (2016), são recursos “que incentivam os estudantes, principalmente as novas gerações, para que, de forma lúdica, encontrem resoluções que estimulem seu aprendizado, motivando ações e comportamentos dentro e fora dos jogos” (p. 15-16). Os alunos precisam de um acesso adequado à tecnologia, o ideal seria que toda sala de aula oferecesse esses recursos.

De acordo com Sandholtz, Ringstaff e Dwyer (1997), os professores precisam:

[...] ajudar os alunos a ficarem à vontade no uso da tecnologia e a entender as formas em que a tecnologia pode ser útil. Localizar e acessar informações, organizar e mostrar dados, criar argumentos persuasivos e demonstrar ideias e conclusões de forma dinâmica [...]. (SANDHOLTZ; RINGSTAFF; DWYER, 1997, p. 167)

Segundo Sandholtz, Ringstaff e Dwyer (1997), se a escola não oferecer os recursos, o professor fica inviabilizado de utilizar práticas de letramento digital em sala de aula de forma coletiva, pois é necessário que os recursos tecnológicos funcionem adequadamente e se efetivem dentro do planejamento de aula proposto.

Para Mey (1998), a relevância do letramento, tanto do tipo usual quanto do digital, vai muito além de se afirmar que é uma tecnologia de informação adquirida ativa ou passivamente. Enfatiza, também, que é muito mais do que saber ler e escrever ou navegar na internet. O professor, na era digital, necessita ser o mediador do conhecimento e, ao mesmo tempo, crítico diante do que a tecnologia digital oferece.

Esse novo tipo de letramento exige dos indivíduos um conjunto de habilidades mentais e informações para que possam se tornar cidadãos aptos para lidar com as novas normas de comunicação possibilitadas pelas tecnologias.

A atual discussão em torno dos nexos entre escola e tecnologia aponta para uma educação que venha atender às necessidades humanas na era da informação e para isso deve possuir algumas características: desenvolvimento das habilidades de pensar criticamente, comunicar-se, resolver problemas e contextualizar; aprendizagem cooperativa; avaliação com base no desempenho; professor orientador/facilitador da aprendizagem; centros de aprendizagem que utilizem tecnologias variadas como recursos de ensino. (WURMAN *apud* SAMPAIO; LEITE, 1999, p. 24)

Sampaio e Leite (1999) alertam que o professor, ao utilizar recursos tecnológicos no espaço educacional, criará condições para que os alunos consigam lidar criticamente com as tecnologias de forma ativa e que contribua para a sua formação. Esse tipo de trabalho só será efetivamente realizado a partir do momento em que o professor tenha o domínio em relação às novas tecnologias, tanto valorizando quanto se conscientizando da sua utilização e importância para a aprendizagem dos alunos na fase de alfabetização, bem como em outras etapas ensino.

A escola, que é uma das principais instituições responsáveis por transmitir os conhecimentos adquiridos e acumulados, não pode ficar alheia a este cenário e deve servir como mediadora entre os alunos e as novidades tecnológicas, buscando construir uma visão crítica sobre o panorama atual, envolvendo-se com as novas práticas sociais. Ela deve se preocupar com

as práticas de letramento, determinadas culturalmente, e não ficar presa a uma prática autônoma de letramento. Sabe-se que este é um processo cheio de desafios, pois a metodologia precisa se adequar constantemente diante das rápidas mudanças, ação essa, extremamente necessária. (AN-DRADE, 2020, p. 3)

5. Considerações finais

Mediante o exposto, faz-se necessário ratificar que ao usar as ferramentas e ao interagir com o ambiente digital o indivíduo conecta-se ao mundo. O letramento digital pode dar ao indivíduo o conhecimento para atender as demandas sociais que envolvem a utilização dos recursos tecnológicos e da escrita no meio digital. Concluímos que o letrado alfabético tem a qualificação para se apropriar melhor do letramento digital. Uma pessoa terá mais facilidade para desfrutar das vantagens da era digital, à sua necessidade, se tiver dominado o sistema alfabético ao ponto de ter alcançado um grau elevado das convenções ortográficas. Para que seja possível construir uma sociedade incluída digitalmente e com total acesso ao mundo da informação, é preciso letrar de forma lúdica e competente.

O tempo de pandemia da Covid-19 fez com que os professores tivessem mais consciência da importância da tecnologia na educação, possibilitando superar restrições para usar os recursos tecnológicos com os alunos. Assim, é notório que a utilização da tecnologia atrelada à alfabetização será ainda mais significativa e atrativa, já que estamos imersos em uma sociedade conectada e digital.

Os profissionais da educação precisam desenvolver estratégias pedagógicas eficazes em seus mais variados espaços educacionais (salas de aula e laboratório de informática, por exemplo) para enfrentar os desafios que estão colocados: alfabetizar e letrar digitalmente os sujeitos para que, de forma autônoma, eles utilizem os recursos digitais de forma crítica e proveitosa. Faz-se necessário uma formação tecnológica para os professores, que muitas vezes deixam de utilizar essas ferramentas pela falta de prática no manuseio dos recursos, além do desenvolvimento da necessidade de aprendizagem permanente, do compromisso com a educação, do pensamento crítico unido à tecnologia e metodologias que possam utilizar os recursos tecnológicos nas atividades desenvolvidas em sala de aula.

Diante de tudo o que foi exposto, concluímos que a pandemia da Covid-19 nos fez compreender a importância da educação, sendo as novas tecnologias um relevante mecanismo de auxílio no processo de alfabetização dos estudantes dos anos iniciais do Ensino Fundamental, pois possibilitou processos de ensino-aprendizagem inovadores, exigindo das famílias maior conexão com a escola e com suas demandas sociais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Maisa Pereira de. Letramento digital e formação de professores. *Anais do CIET: EnPED: 2020* (Congresso Internacional de Educação e Tecnologias, Encontro de Pesquisadores em Educação a Distância), São Carlos, ago. 2020. Disponível em: <https://cietenped.ufscar.br/submissao/index.php/2020/article/view/1718>. Acesso em: 25 jan. 2022.

BARBOSA, Marina da Silva. *Da pandemia covid-19 à cultura da convergência: a interatividade entre aluno e professor em ambientes virtuais*. Disponível em: <https://repositorio.animaeducacao.com.br/bitstream/ANIMA/16764/1/Artigo%20%20Marina%20Barbosa.pdf>. Acesso em: 25 jan. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. *Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 (nove) anos*. Resolução CNE/CEB nº 7/2010.

FAUSTINE, Denise. *A inserção da tecnologia na educação infantil: Brinquedos ou computadores?* 2010. Disponível em: <https://acervo.planetaeducacao.com.br/portal/artigo.asp?artigo=1724>. Acesso em 30 jan. 2022.

FRANÇA, Alex Sandro de. *Game, Web 2.0 e mundos virtuais em educação*. São Paulo: Cengage Learning, 2016.

FREITAS, Maria Teresa. Letramento digital e formação de professores. *Educ. rev.*, v. 26, n. 3, Belo Horizonte, Dez. 2010. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-4698201000300017. Acesso em: 20 jan. 2022.

MARCONI, Marina; LAKATOS, Eva. *Fundamentos de Metodologia Científica*. 5. ed. São Paulo: Atlas 2003.

MEY, Jacob. *As vozes da sociedade: letramento, consciência e poder*. Tradução de Maria da Glória de Moraes. Trad. de *The voices of society*:

literacy, conscientiousness and power. *DELTA*, v. 14, n. 2, p. 331-8. 1998.

NONATO, E. do R. S.; SALES, M. V. S.; CAVALCANTE, T. R. Cultura digital e recursos pedagógicos digitais: um panorama da docência na Covid-19. *Práxis Educacional*, [S.l.], v. 17, n. 45, p. 8-32, 2021. DOI: 10.22481/praxisedu.v17i45.8309. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/8309>. Acesso em: 23 jan. 2022.

ROCHA, Daiana Garibaldi da *et al.* *Aprendizagem digital: curadoria, metodologias e ferramentas para o novo contexto educacional*. Porto Alegre: Penso, 2021.

SAMPAIO, Marisa; LEITE, Lígia. *Alfabetização tecnológica do professor*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1999.

SANDHOLTZ, Judith; RINGSTAFF, Cathy; DWYER, David. *Ensinando com tecnologia: criando salas de aula centradas nos alunos*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

SANTAELLA, Lucia. Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós-moderno. *Revista Famecos*, v. 10, n. 22. Porto Alegre, dez. 2003, p. 23-32.

SILVÉRIO, Marcela; FERREIRA, Mônica; AZEVEDO, Gilson. (2020). Os desafios do uso das tecnologias na educação infantil. *Revista de Estudos em Educação*. Disponível em: <https://revista.ueg.br/index.php/ree/duc/article/view/12613>. Acesso em: 22 jan. 2022.

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

VASCONCELOS, A. P. M. F.; ASTIGARRAGA, A. A. (2021). Prática Docente, Experiência Formadora, Ensino Remoto em Tempos de Covid-19. *Ensino Em Perspectivas*, 2(1), p. 1-11. Disponível em: <https://www.revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/article/view/5972>. Acesso em 22 jan.2022.